

O ESPAÇO RURAL E URBANO: REVENDO AS CONCEPÇÕES DOS ALUNOS DO 7º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Barbara Silva Alves de Lima¹
Vitor Machado²

Resumo

Este trabalho teve o objetivo identificar qual a concepção dos alunos, sobre o espaço rural e urbano. Entender os conceitos de espaço rural e urbano é essencial para avançarmos nas discussões sobre a expansão do capitalismo nas formas de produção. Existem diversas classificações para distinguir o rural do urbano, tais como: demografia, atividades econômicas ou características da paisagem, a incompreensão das diversas análises pode, muitas vezes, desfavorecer um olhar do espaço como um todo, gerando um ensino simplista e acrítico. A pesquisa, de característica quanti-qualitativa foi realizada durante as aulas regulares de geografia, em uma escola da rede estadual de SP, localizada no interior do Estado, tendo participado dela 62 alunos, do 7º ano do Ensino Fundamental II. Durante as aulas solicitou-se aos alunos que elaborassem desenhos sobre suas pré-noções acerca do espaço rural e urbano. Os desenhos foram analisados e quantificados separadamente com base na ocorrência de elementos que caracterizaram tais espaços. Nas ilustrações do espaço rural se destacaram as características: elementos naturais (52), casas (39) e animais (25). No espaço urbano se destacaram a presença de prédios (48), casas (33) e prédios comerciais (30). A pouca presença de elementos ligados ao trabalho (2) e ao cultivo da terra (14) no espaço rural revelou uma baixa percepção dos alunos acerca da concepção da funcionalidade da terra, apresentando-a apenas de forma bucólica e distante da realidade urbana, que por sua vez os desenhos sugeriram maior desenvolvimento na infraestrutura com ruas, calçadas e postes (28) e veículos (23). A utilização do desenho foi um importante instrumento de identificação, possibilitando uma avaliação diagnóstica, que auxiliou no planejamento dos conteúdos trabalhados.

Palavras-chave: Espaço Rural, Espaço Urbano, Geografia Escolar.

INTRODUÇÃO

A construção e transformação do espaço através da ação do homem sobre a natureza são os principais objetos de estudo da geografia. É elementar ao conhecimento geográfico, o domínio do entendimento espacial como “[...] algo dinâmico e unitário, onde se reúnem materialidade e ação humana. O espaço seria o conjunto indissociável de sistemas de objetos, naturais ou fabricados, e de sistemas de ações, deliberadas ou não.” (SANTOS, 2008, p. 46).

A dinâmica evidenciada por Santos (2008) é temporal e dialética, uma vez que o espaço se transforma de acordo com as relações sociais estabelecidas em cada período histórico da humanidade, a forma como entendemos o espaço e suas contradições proporciona a reflexão sobre os ensejos de cada sociedade ao longo do tempo, “A incorporação da dialética, como método de investigação, tem permitido que a geografia recupere a visão do todo[...].” (OLIVEIRA, 1994, p.140).

O objetivo deste trabalho foi de identificar, por meio de desenhos, as concepções dos alunos do 7º ano do Ensino Fundamental II (EFII) sobre o espaço rural e urbano. A delimitação

¹ Professora de Geografia da rede pública de ensino do Estado de São Paulo e do sistema municipal de ensino de Bauru/SP, mestranda do Programa de Pós-Graduação Docência para a Educação Básica e membro do Grupo de Pesquisa em Ensino, Cultura e Ideologia na Educação Básica da Zona Rural e Urbana - GEPERU/UNESP/Bauru.

² Professor do Departamento de Educação e do Programa de Pós-Graduação Docência para a Educação Básica e coordenador do GEPERU/UNESP/Bauru.

da pesquisa está relacionada ao Currículo do estado de São Paulo³, que contempla o tema “O espaço agrário e a questão da terra”, voltado ao 7º ano do EFII e previsto para ser trabalhado no quarto bimestre do ano letivo (SÃO PAULO, 2012). Sem a intenção de abordar o assunto de maneira dicotômica, mas sim, buscando compreender a construção social do conhecimento sobre a temática, a busca pela definição de espaço rural e urbano vem da necessidade de compreensão geográfica da constituição de tais espaços, corroboramos com Abramovay (2000, p.2) quando enfatiza que “[...] o rural não é definido por oposição e sim na sua relação com as cidades. [...]”, nessa perspectiva buscamos identificar o espaço rural e urbano, que se diferenciam ao mesmo tempo em que se aproximam numa constante relação.

Pensar a questão agrária do Brasil é reconhecer o processo de ocupação das terras desse país, numa proposta crítica de ensino o aluno deve ter acesso a conteúdos que desmistifique pré-conceitos estabelecidos pelo senso comum e revele a face dos conflitos e contradições existentes na luta pela terra. Assim, buscando compreender a relação dos alunos urbanos com o espaço rural e entender suas concepções a respeito do valor social da terra, se iniciou um processo de ensino através do desenho, sendo utilizado como ponto de partida, mas sem deixar de almejar a ressignificação e incorporação de uma prática social transformada (SAVIANI, 2013; GASPARIN, 2012).

METODOLOGIA

A pesquisa envolve métodos mistos, possui características quanti (quantitativa) e quali (qualitativa) em um só estudo, segundo Sampieri e cols. (2013) “[...] representam um conjunto de processos sistemáticos e críticos de pesquisa e implicam a coleta e a análise de dados quantitativos e qualitativos, assim como sua integração e discussão conjunta [...]” (p.550).

O local onde a pesquisa foi desenvolvida é também o ambiente de trabalho da pesquisadora como professora de geografia, uma escola da rede estadual de São Paulo, localizada na área urbana de uma cidade do interior paulista. A escola conta com os seguimentos de Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano) e Ensino Médio (1ª a 3ª série), distribuídos entre os períodos da manhã, tarde e noite.

A pesquisa foi realizada nas aulas regulares de geografia, o Currículo do estado de SP tem como proposta para o 4º bimestre, do 7º ano do EFII, o tema: “O espaço agrário e a questão da terra” (SÃO PAULO, 2012). Ao planejar o desenvolvimento de tal temática, optamos por buscar subsídio teórico na perspectiva da Pedagogia Histórico-Crítica para elaborar os planos das aulas, nesse processo a atividade proposta nesse trabalho se enquadra como o primeiro passo, a prática social inicial do conteúdo, “uma preparação, uma mobilização do aluno para a construção do conhecimento escolar. É uma primeira leitura da realidade, um contato inicial com o tema a ser estudado” (GASPARIN, 2012, p.13).

Participaram da pesquisa três turmas de 7º ano do EFII, totalizando 62 alunos, com idade entre 12 e 13 anos. Seguindo o planejamento, inicialmente se registrou na lousa, mantendo um diálogo com os alunos, a explicação de como seria a atividade que os mesmos trabalhariam na sequência de quatro aulas para a introdução da temática do Currículo Oficial. Em seguida entregou a cada aluno uma folha de sulfite A4, disponibilizando no centro da sala de aula uma caixa com réguas, tesouras, tubos de cola, diversos lápis e canetas hidrográficas de cores

³ O Currículo Oficial do estado de São Paulo é um documento direcionado para orientação básica do professor e a padronização do ensino nacional, elaborado pela Secretaria da Educação do estado de São Paulo e dividido por áreas de conhecimento (Ciências da Natureza; Ciências Humanas; Códigos e Linguagens; Matemática), o documento contempla os conteúdos específicos das disciplinas escolares que deverão ser trabalhados no decorrer dos bimestres, voltados ao desenvolvimento de competências e habilidades de acordo com cada ano/série da educação básica (SÃO PAULO, 2012).

variadas. Como atividade inicial a pesquisadora/professora solicitou que os alunos registassem nas folhas de sulfite, suas pré-noções sobre o espaço rural e urbano, devendo expressar por meio de desenhos o que lhes remetesse essas paisagens. A disposição dos elementos desenhados nas folhas ficou sob-responsabilidade dos alunos, os mesmos deveriam distribuir as representações de acordo com o que compreendiam ser o espaço rural e urbano.

Para análise dos desenhos, enumeramos e quantificamos os elementos que compunham as paisagens retratadas, o que nos possibilitou a maior visibilidade da relação estabelecida pelos alunos entre os elementos que eles acreditaram caracterizar o espaço rural e urbano e as atribuições/valores sociais desses espaços. A escolha do desenho se caracterizou como um importante instrumento de avaliação diagnóstica, pois a função que lhe foi atribuída, foi a de revelar a percepção dos alunos a respeito da função social desses espaços, demonstrando através das ideias desenhadas os conhecimentos acumulados pelos alunos através de suas diferentes vivências sociais.

O desenho, bem como o sonho, pode participar de dois níveis de leitura: podemos detectar o “conteúdo manifesto” do desenho, que seriam as imagens ali presentes no papel; e o “conteúdo latente”, que trata das mensagens subliminares, escondidas também ali no papel. (DERDYK, 2010, p.51)

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Santos (2006), chama atenção para a análise do espaço, evidenciando que:

O espaço não pode ser estudado como se os objetos materiais que formam a paisagem tivessem uma vida própria, podendo assim explicar-se por si mesmos. Sem dúvida, as formas são importantes. Essa materialidade sobrevive aos modos de produção que lhe deram origem ou aos momentos desses modos de produção (SANTOS, 2006, p. 68).

Ao relacionar os objetos materiais aos modos de produção, Santos (2006) nos propõe uma análise do espaço a partir do contexto social histórico ao qual cada sociedade em períodos do passado foi materializando as transformações da natureza de acordo com suas técnicas, construindo e organizando o espaço presente, “O espaço humano é a síntese, sempre provisória e sempre renovada, das contradições e da dialética social” (SANTOS, 2006, p.70).

Compreendemos que a construção do conhecimento geográfico espacial está ligada a forma como o ser humano, no indivíduo ou no coletivo, interage cotidianamente com os objetos construídos e constituídos pela história, descrito por Santos (2006, p. 69) como “formas-conteúdo”. Nessa constante relação, Moreira (2006) analisa que:

A incorporação progressiva de áreas de práticas e saberes novos a essa *práxis*, favorecendo o aumento do raio de escala das comparações, generalizações e sistematizações do conhecimento empírico leva a abstração a galgar níveis crescentes de universalidade cuja consequência é a transformação dos saberes na ciência geográfica (MOREIRA, 2006, p.25).

O conhecimento geográfico sistematizado e pautado em pressupostos epistemológicos passou por profundas transformações desde sua institucionalização no século XIV, adquirindo as características da geografia que conhecemos hoje, mas como nos aponta Yves Lacoste sobre “as geografias” que surgiram a princípio, devemos considerar a existência de duas:

Uma, de origem antiga, **a geografia dos Estados-maiores**, é um conjunto de representações cartográficas e de conhecimentos variados referente ao espaço;

esse saber sincrético é **claramente percebido como eminentemente estratégico pelas minorias dirigentes que o utilizam como instrumento de poder**. A outra geografia, a dos professores, que apareceu a menos de um século, se tornou um discurso ideológico no qual uma das funções inconscientes é a de mascarar a importância estratégica dos raciocínios centrados no espaço. Não somente essa geografia dos professores é extirpada de práticas políticas e militares como de decisões econômicas (pois os professores nisso não têm participação), mas ela dissimula, aos olhos da maioria a eficácia dos instrumentos de poder que são as análises espaciais (LACOSTE, 2010, p.31, grifos nossos).

O destaque dado pelo autor ao conhecimento espacial como algo estratégico, utilizado por uma minoria para benefício de uma parcela mínima e específica da sociedade, corrobora com o objetivo desse trabalho, Lacoste (2010) enfatiza o processo de disputa territorial e a camuflagem dos interesses do capital ao se apropriar intencionalmente de locais que garantam sua perpetuação a partir do modo de produção ou especulação.

Para Endlich (2013) a contraposição entre o espaço rural e urbano ocorre há mais de 5.500 anos, segundo a autora a produção de excedentes dos produtos que garantiam a sobrevivência coletiva, liberou parte dos homens para exercerem outras atividades que não as do trabalho direto com a terra os levando a ocuparem outros espaços. Assim a divisão entre o rural e o urbano possui suas raízes na divisão do trabalho, precedendo o capitalismo, mas sendo imprescindível para o compreendermos.

Na análise dos desenhos, identificamos inicialmente que apesar da orientação sobre a liberdade em expressar a distribuição dos elementos que caracterizariam os espaços rural e urbano, houveram (37) folhas divididas ao meio por linha, (24) folhas utilizadas frente e verso, cada lado com a representação de tais espaços e (1) folha que mesmo dividida ao meio, apresentou algum tipo de interação conforme podemos observar no exemplo da imagem 1:

IMAGEM 1 – Demonstração de interação entre o espaço rural e urbano.



Fonte: Acervo pessoal dos pesquisadores.

Esses resultados revelam que todos os alunos compreendem que existem diferenças entre o rural e o urbano, pois não houve a mistura entre os elementos e sim a necessidade em

separar os espaços para serem desenhados, mas por outro lado é notável nos (61) desenhos a total falta de interação entre os espaços, nos levando a concluir que a falta de contato dos alunos com atividades do campo, seja direta ou indiretamente, faz com que o rural lhes pareça algo que ocorre em total distância, sem nenhuma interferência no cotidiano urbano, pois “o desenho é a memória visível do acontecido: fotografia mental, emocional e psíquica.” (DERDYK, 2010, p.49).

O estudo de Paganelli (1998) nos aponta a relação histórica do desenho com a geografia, utilizado para registro e estudo através de croquis, no traçado de rotas, nas anotações das paisagens, o desenho se incorporou ao ensino da disciplina, auxiliando o desenvolvimento de noções cartográficas, mas principalmente no reconhecimento do aluno dentro de espaços que estão em constante disputa. Segundo a análise de Miranda (2005),

O desenho nessa tradição geográfica envolve uma relação cognitiva e corporal com os elementos/objetos do espaço através do olhar-ver, do gesto, do traço, da atenção ao conjunto e aos detalhes, em um movimento do corpo e do pensamento, entre a observação e a apreensão de um todo em suas linhas gerais formando uma estrutura, a abstração e a análise, pelo isolamento de elementos selecionados, e a elaboração de uma síntese na composição do conjunto pelo traçado no papel (Miranda, 2005, p.56).

Em sua tese Miranda (2005) faz uma análise do lugar do desenho no ensino de geografia, apontando outra possibilidade para a atividade, não como instrumento técnico com fins apenas na construção e conhecimento de mapas, mas também para a identificação dos elementos desenhados a partir do sentido dado pelo aluno que os desenhou. Ao utilizar o desenho como ponto de partida, para uma posterior construção ou ressignificação do conhecimento, podemos aponta-lo como um importante instrumento de avaliação diagnóstica, conforme se estabeleceu neste trabalho, colaborando para a ação pedagógica do professor.

Solicitar que os alunos desenhassem suas concepções sobre o espaço urbano e rural, nos proporcionou a reflexão sobre o debate no campo teórico a respeito das características que definem as distinções de ambos, Endlich (2013) faz um importante retrospecto, citando em seu trabalho produções bibliográficas de autores que colaboram para as discussões sobre a temática. Todavia o debate estabelecido para definição do rural e do urbano possui suas raízes na divisão do trabalho conforme aponta Endlich (2013), “A contraposição cidade/campo, de acordo com o pensamento marxista, retoma a análise da transição da barbárie para a civilização. A urbanização é o processo que decorre da divisão do trabalho e das distinções de classe.” (Endlich, 2013, p.11). Após essa primeira análise a autora sistematiza critérios que têm sido utilizados para a caracterização do rural e do urbano como: limites oficiais ou delimitação administrativa, a utilização de um patamar demográfico, a densidade demográfica (número de habitantes por quilômetro quadrado) e a ocupação econômica da população, nesse ultimo caso o rural se definiria pela atividade primária e o urbano, em contraposição, por atividades secundárias ou terciárias. Ao expor esses critérios Endlich (2013), ressalva que:

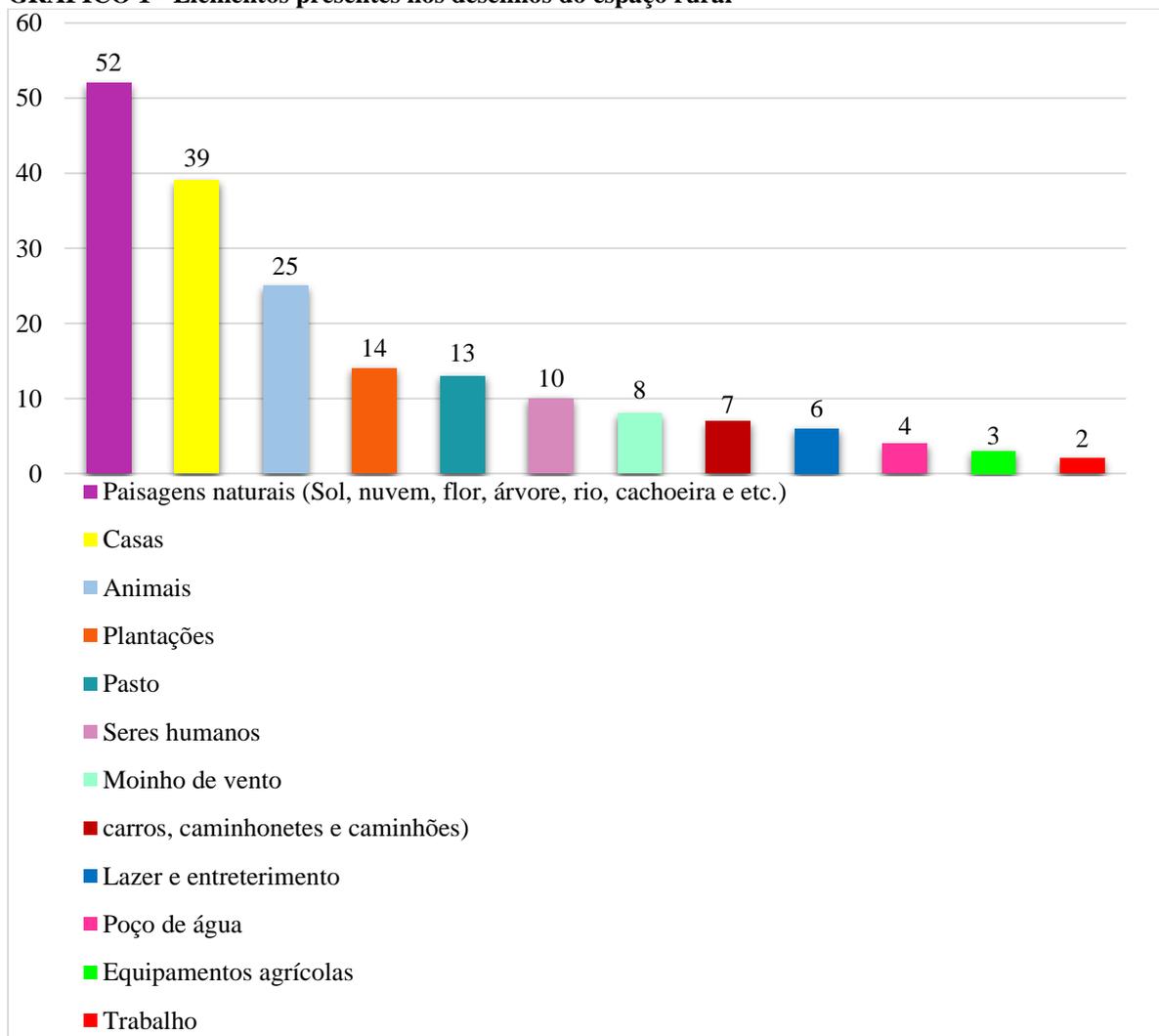
Estabelecer o rural e o urbano a partir dos critérios mencionados, de forma descontextualizada, sem analisar a historicidade presente nos fatos e processos, parece estático demais. Ainda que se justifique pela finalidade pragmática, torna-se inadequado para compreender a dinâmica da sociedade (ENDLICH, 2013, p.19).

A dinâmica da sociedade no processo de globalização é veloz, nos fazendo acreditar na aparência das transformações espaciais como algo homogêneo, muda-se a relação social com tempo ao ponto de conseguirmos observar as mudanças e transformações espaciais apenas pelo

ponto de vista do observador, sem reflexão a respeito do lugar do outro, nos dando a sensação de unidade dentro de um conjunto de milhares. A questão que nos permeia é de não compreender o rural e o urbano como espaços antagônicos, mas sim entender suas especificidades em um complexo contexto de inter-relações que se ampliam de acordo com as necessidades de complementaridades surgidas a partir de suas diferenças, e assim nos levar a visão do espaço como um todo (Blagli, 2006).

Para a interpretação das diferentes visões dos alunos a respeito do rural e o urbano, analisamos 62 desenhos, identificando mais de um elemento em cada desenho, por esse motivo os números dos resultados irão ultrapassar a quantidade de (62) desenhos, a fim de vermos nas “aparências” dos elementos a “essência” que se ocultava (Bagli, 2013). Nas representações do espaço rural, identificamos a presença de 12 elementos, que enumeramos e posteriormente quantificamos: 1) Animais, 2) Casas, 3) Paisagens naturais (sol, nuvem, flor, árvore, rio, cachoeira e etc), 4) Equipamentos agrícolas, 5) Lazer e entretenimento, 6) Moinho de vento, 7) Pasto, 8) Plantações, 9) Poço de água, 10) Seres humanos, 11) Trabalho (consideramos imagens que davam a ideia de pessoas exercendo trabalho) e 12) Veículos (carros, caminhonetes e caminhões), apresentados no gráfico 1 a seguir:

GRÁFICO 1 - Elementos presentes nos desenhos do espaço rural



Fonte: Elaborado pelos autores

O destaque dados aos elementos paisagens naturais, casas e animais nos remete a expressão bucólica do campo, isso se deve a visão de proximidade entre o rural e a natureza, como os exemplos, os tons de verde (grama) remetendo a vegetação, a criação de animais,

brinquedo de balanço na frente da casa como as principais transformações humanas percebidas nos desenhos, evidenciando a perspectiva romântica da relação homem/natureza, nos dando a ideia de uma profunda harmonia e ingenuidade nesses espaços, conforme a representação no Imagem 2. Bagli (2013, p.103) destaca que tais elementos evidenciados representa a natureza em seu estado pouco transformado, por isso são pouco percebidas, ressaltando o encantamento pela “relação simbiótica entre homem e meio”, escondendo sob a aparente harmonia suas problemáticas e contradições.

A baixa representação dos elementos seres humanos, equipamentos agrícolas e trabalho, revelaram a pouca percepção dos alunos acerca da concepção da funcionalidade da terra. Podemos atribuir aos dados, como um dos fatores, o desconhecimento dos alunos sobre as atividades de produção do campo, vinculado ao fator de disponibilidade dos produtos alimentícios, por exemplo, no comércio de supermercados e feiras, quando o contato do urbano com o rural se estabelece de forma concreta e visível apenas na relação comercial, excluindo desse processo as informações/relações de produtividade que fizeram com que o alimento chegasse até os postos de comércio.

IMAGEM 2 – Expressão do rural, visão bucólica da paisagem.

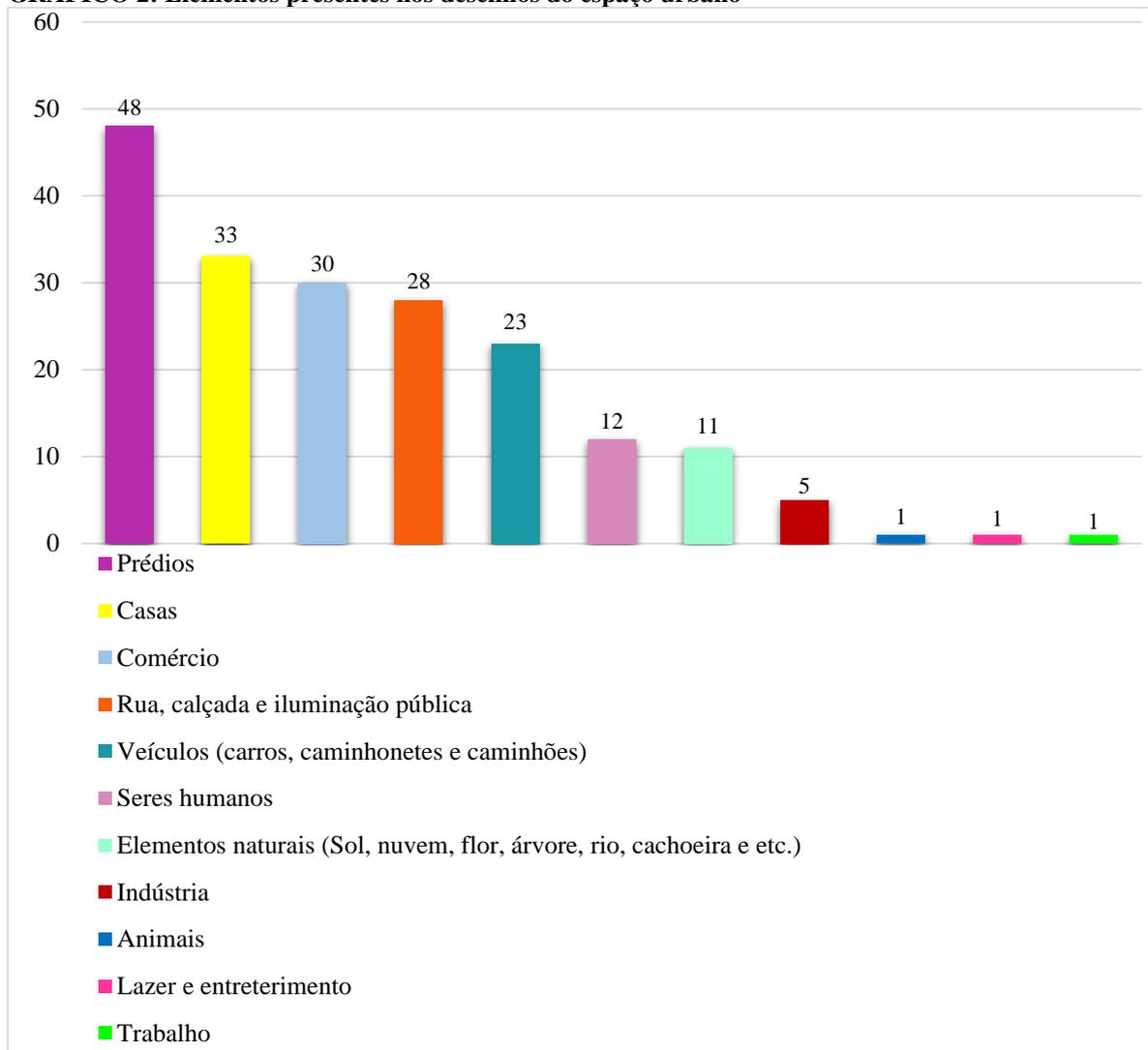


Fonte: Acervo pessoal dos pesquisadores.

Seguindo o método aplicado para analisarmos as representações do espaço rural, enumeramos e posteriormente quantificamos os elementos que apareceram nos desenhos que retrataram o espaço urbano identificando a presença de 11 elementos: 1) Animais, 2) Casas, 3) Comércio (lojas e supermercados), 4) Elementos naturais (sol, nuvem, flor, árvore, rio, cachoeira e etc), 5) Indústrias, 6) Lazer, 8) Prédios, 9) Ruas, calçadas e postes de iluminação pública, 10) Seres humanos, 11) Trabalho (consideramos o que dava a ideia de pessoas

exercendo trabalho) e 12) Veículos (carros, caminhonetes e caminhões), conforme o gráfico 2 a seguir:

GRÁFICO 2: Elementos presentes nos desenhos do espaço urbano

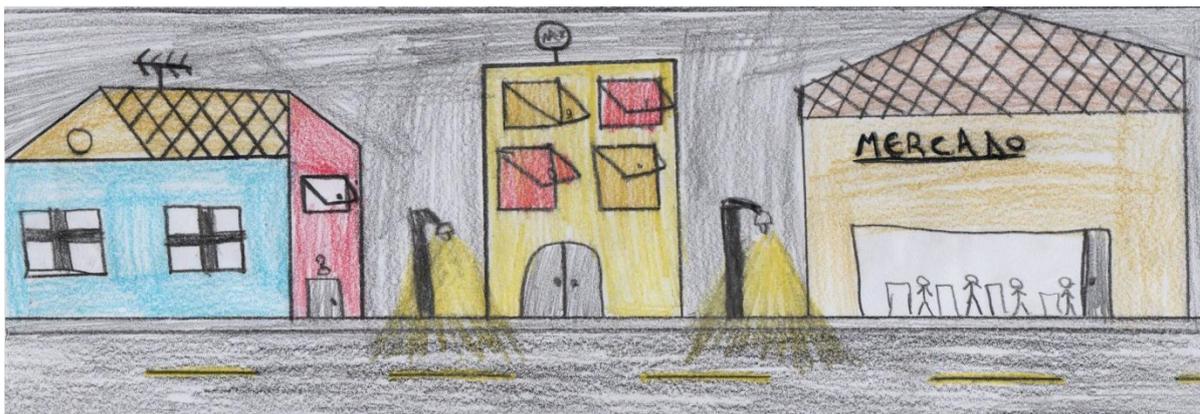


Fonte: Elaborado pelos autores.

Podemos notar a familiaridade dos alunos com os elementos prédios, casas, comércio, ruas e veículos, como uma paisagem quase que comum a todos, mesmo que como nessa pesquisa, os prédios desenhados não sejam a realidade de moradia e proximidade cotidiana dos alunos, imagem 3. Esses dados confirmam a ideia de Bagli (2013),

A paisagem urbana se caracteriza por aquilo que sobre o solo está construído. Nela, há uma multiplicidade de formas: edifícios (com poucos ou muitos andares, grandes ou pequenos), casas, sobrados, prédios comerciais e públicos, ruas [...] **Cada paisagem urbana é construída de maneira singular, porém sem estar desprendida de uma lógica universal que a conduz** (BAGLI, 2013, p. 102, grifo nosso).

IMAGEM 3 – Representação do espaço urbano



Fonte: Acervo pessoal dos pesquisadores.

Ao mesmo tempo pudemos comparar os elementos naturais e animais, que no espaço rural foram mais representados, e que no espaço urbano tiveram pouca aparição, demonstrando a percepção dos alunos em relação a cidade como espaço de maiores transformações da natureza, quando os elementos naturais, ao contrário do rural, aparecem de forma pontual, encaixando-se entre as construções humanas. É notável que as ilustrações do espaço urbano sugeriram também maior desenvolvimento em infraestrutura, iluminação artificial (poste) por exemplo, só pode ser observado como um elemento presente nos desenhos do espaço urbano. Em contrapartida as cores utilizadas para colorir os prédios, as casas, os comércios, em geral apresentaram tons mais claros, muito menos chamativos e “alegres” do que o verde da grama ou o azul do céu expressados no espaço rural (BAGLI, 2013).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, compreendemos que os desenhos nos proporcionaram reflexões, ao nos debruçarmos sobre as ilustrações dos alunos, nos permitimos compreender as simbologias a partir do ponto de vista tanto do pesquisador para seus dados, como do próprio aluno para sua criação, ampliando nossa perspectiva para algumas relações sociais que devido ao fracionamento do tempo diário, somos impedidos de observar, nos passando despercebido, como algo rotineiro, desinteressante.

O nosso consolo é que o desenho, bem como outras linguagens expressivas, é uma atividade do imaginário. A representação pode estar fortemente aliada a um desejo de expressivo de captar e de se apropriar destes conteúdos sob a forma de signos gráficos, rerepresentando novos significados. (DERDYK, 2010, p.51)

O estudo do espaço é algo pertinente a geografia, portando as discussões sobre as características que definem o espaço rural e o urbano devem estar presentes nas salas de aula, passando do nível acadêmico para a educação básica, disponibilizando a temática para professores e alunos de escolas do campo e da cidade, buscando a compreensão de que ambos os espaços possuem características que os tornam diferentes, mas que são essas diferenças que lhes fazem existirem, enquanto coexistem.

O presente trabalho faz parte de uma realidade específica, porém, mesmo compreendendo suas limitações, esperamos que ele sirva de inspiração para novos estudos, e que possibilite a inquietação de outros professores quanto aos pré-conceitos disseminados pelo senso comum, como a falta de interação entre o rural e o urbano. Demonstrando que o valor social da terra precisa ser defendido independentemente das diferenças espaciais, seja no campo

ou na cidade, a busca pela superação das contradições sociais deve estar na luta da classe trabalhadora como um todo.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, R. **Do setor ao território:** funções e medidas da ruralidade no desenvolvimento contemporâneo. Rio de Janeiro: IPEA, jan., 2000. 31 p. (Texto para discussão n. 702).

Bagli, P. Rural e urbano: harmonia e conflito na cadência da contradição. In: SPOSITO, M. E. B.; WHITACKHER, A. M. (Org.). **Cidade e campo:** relações e contradições entre urbano e rural. 3. ed. São Paulo: Expressão popular, 2013. p. 81-109.

Derdyk, E. **Formas de pensar o desenho:** desenvolvimento do grafismo infantil. 4. ed. Porto Alegre, RS: Zouk, 2010.

ENDLICH, Â. M. Perspectivas sobre o urbano e o rural. In: SPOSITO, M. E. B.; WHITACKHER, A. M. (Org.). **Cidade e campo:** relações e contradições entre urbano e rural. São Paulo: Expressão popular, 2013. p. 11-31.

GASPARIN, J. L. **Uma Didática para a Pedagogia Histórico-Crítica.** 5. ed. Campinas: Autores Associados, 2012.

LACOSTE, Y. **A geografia:** isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra. 16. ed. Campinas: Papyrus, 2010.

MIRANDA, S. L. **O lugar do desenho e o desenho do lugar no ensino de geografia:** contribuição para uma geografia escolar crítica. 2005. Tese (doutorado) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, São Paulo, 2005. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/104334>>. Acesso em: 1 mai. 2018.

MOREIRA, R. **O que é Geografia?** 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2009.

OLIVEIRA, A. U. de; BRABANT, JM; VESENTINI, J. W.; VLACH, V. R. F.; SANTOS, D.; CARVALHO, M. B. de; MORAES, A. C. R.; WETTSTEIN, G. **Para onde vai o ensino de geografia?** 1. ed. São Paulo: Contexto, 1994.

PAGANELLI, T. I. **Paisagem, uma decifração do espaço-tempo social:** as representações da paisagem da cidade do Rio de Janeiro. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

Santos, M. **A Natureza do Espaço:** Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SÃO PAULO. **Currículo do Estado de São Paulo:** Ciências Humanas e suas tecnologias. São Paulo: Secretaria de Estado da Educação, 2012.

Saviani, D. **Pedagogia Histórico-Crítica:** primeiras aproximações. 11. ed. Campinas: Autores Associados, 2013.

SPOSITO, M. E. B.; WHITACKHER, A. M. (Org.). **Cidade e campo:** relações e contradições entre urbano e rural. São Paulo: Expressão popular, 2006.